



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

MILENA NA N'GHADA

**O PAPEL DA MULHER GUINEENSE NA SOCIEDADE E NA EDUCAÇÃO DO(A)S
FILHO(A)S: UMA ANÁLISE A PARTIR DO OLHAR SOBRE AS
MULHERES BIDERAS DE FERA DE EMPANCHA**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2025

MILENA NA N'GHADA

**O PAPEL DA MULHER GUINEENSE NA SOCIEDADE E NA EDUCAÇÃO DO(A)S
FILHO(A)S: UMA ANÁLISE A PARTIR DO OLHAR SOBRE AS
MULHERES BIDERAS DE FERA DE EMPANCHA**

O Projeto de Pesquisa apresentada ao curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para obtenção de Título de Bacharel em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras – Campus dos Malês.

Orientadora: Prof.^a Dra.^a Andressa Ribeiro de Freitas.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2025

MILENA NA N'GHADA

**O PAPEL DA MULHER GUINEENSE NA SOCIEDADE E NA EDUCAÇÃO DO(A)S
FILHO(A)S: UMA ANÁLISE A PARTIR DO OLHAR SOBRE AS
MULHERES BIDERAS DE FERA DE EMPANCHA**

O Projeto de Pesquisa apresentada ao curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para obtenção de Título de Bacharel em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras – Campus dos Malês.

Aprovado em: 22 de maio de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Andressa Ribeiro de Freitas (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB)

Prof.^a Dr.^a Juliana Dourado Bueno

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB)

Prof.^a Dr.^a Peti Mama Gomes

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	HIPÓTESES E PROBLEMA DE PESQUISA	9
3	OBJETIVOS	10
3.1	GERAL	10
3.2	ESPECÍFICO	10
4	JUSTIFICATIVA	10
5	REFERENCIAL TEÓRICO	11
6	METODOLOGIA	18
7	CRONOGRAMA	21
	REFERÊNCIAS	22

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo compreender o papel da mulher guineense na sociedade e na educação do(a)s filho(a)s, uma análise a partir de um olhar sobre as *Bideiras de fera* de Empantcha. (As bideras são as mulheres responsáveis pela comercialização de produtos, tanto nos mercados quanto nas feras. Essas feiras, chamadas localmente de feras termo que corresponde literalmente a "feiras" em português), são espaços onde o cliente negocia diretamente com o feirante sobre o produto que deseja adquirir.

Esses espaços de comércio desempenham um papel fundamental na dinâmica econômica local, sobretudo nas comunidades rurais e periurbanas, onde o acesso a mercados formais é mais limitado. As bideras, além de venderem os produtos, também organizam a logística, negociam preços, gerenciam estoques e mantêm relações com produtores e consumidores. Seu trabalho é essencial para a circulação de bens alimentares e outros itens de necessidade básica.

As feiras funcionam como verdadeiros pontos de encontro comunitário, onde se estabelecem laços sociais e trocas culturais, além das transações comerciais. A informalidade dessas feiras permite uma maior flexibilidade nos preços e nas formas de pagamento, o que facilita o acesso de famílias de baixa renda a uma variedade de produtos. Ao mesmo tempo, elas representam um importante espaço de autonomia econômica para as mulheres, que ali encontram oportunidades de geração de renda e protagonismo social. Essas práticas tradicionais de comércio revelam estratégias de resistência e adaptação às condições socioeconômicas da região, demonstrando a importância de políticas públicas que reconheçam, valorizem e fortaleçam esses sistemas locais). Busca-se analisar como essas mulheres influenciam a economia local, conciliando suas responsabilidades profissionais com as familiares, especialmente no processo de formação dos(as) filhos(as). Além disso, pretende-se refletir sobre sua contribuição para a transformação estrutural da sociedade guineense.

A fera de Empantcha localiza-se no bairro de Empantcha, na capital Bissau. Ela foi construída provavelmente no final de 1999 e o propósito é atender a necessidade do(a)s moradores (as) de Empantcha que frequentavam as feras de Antula Bono. A fera de Empantcha, normalmente, abre a partir 8h e fecha por volta das 18h. É uma fera que atende não apenas o(a)s moradores(a)s do bairro de Empantcha, bem como o(a)s de Luanda.

Dentro dessa fera, é possível perceber a união e a irmandade entre as mulheres, onde podemos identificar uma verdadeira *mandjuandade*¹ no sentido mais amplo. Elas se apoiam mutuamente em qualquer situação, cultivando valores de solidariedade e de empatia. Quando uma delas passa por alguma dificuldade, as outras expressam gestos de apoio, fortalecendo ainda mais essa rede de afeto e de cooperação.

É importante destacar que, embora a presença feminina seja predominante, a fera também inclui homens. Além disso, há a prática da *abota* uma forma tradicional de contribuição coletiva. As mulheres organizam diferentes tipos de *abota*, como a de pano de pente, a de dinheiro, a da cadeira, entre outras, com o objetivo de arrecadar fundos. De certa forma, isso mostra a forte contribuição das mulheres para a economia informal.

As *botas* funcionam como uma espécie de microfinança comunitária. São criadas com a finalidade de permitir que as mulheres adquiram bens materiais importantes para o lar, como malas, camas, guarda-roupas, cômodos, entre outros. O valor arrecadado é distribuído conforme regras previamente estabelecidas entre o grupo, e os pagamentos são feitos de forma rotineira, geralmente de forma diária.

A fera de Empantcha, inicialmente construída com chapas metálicas, passou por melhorias ao longo do tempo, graças a financiamentos que permitiram sua organização e estruturação. Hoje, ela representa um espaço mais digno e funcional. Além disso, é possível observar uma rica diversidade dentro da fera de Empantcha, refletindo a pluralidade do povo guineense que ali convive e trabalha.

Em suma, as condições dessa fera são bastante precárias. O local dispõe de apenas dois banheiros, um para mulheres e outro para homens e, mesmo com o pagamento diário de tarifas pelos feirantes, a fera continua apresentando acúmulo de lixo, o que frequentemente provoca um odor desagradável.

A mulher guineense, apesar de não ser reconhecida como um dos pilares fundamentais para a construção social e educativa do país, está, cada vez mais, a evidenciar sua potencialidade nessa construção. Assim, na Guiné-Bissau, constata-se que, em várias famílias, as mulheres são provedoras de alimentação (UNIOGBIS, 2016). Desse modo, no contexto guineense, as mulheres podem ser consideradas como a “frikidja da casa” (cuidadora do lar), pois não cuidam só dos (as) filhos (as), mas também cuidam da família.

¹ Refere-se à associação de mulheres que se reúnem para expressar suas ideias, discutir questões relevantes e se organizar socialmente. Por um lado, é um espaço onde expressam suas angústias e inquietações por meio da música, além de utilizá-la para fazer denúncias e manifestações sociais, e, por outro, constitui um espaço de resistência e de luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

Para alcançar o objetivo geral deste trabalho, faz-se necessário ter três objetivos específicos que são: a) Identificar os impactos das mulheres bideras na construção de espaços socioeducativos; b) Apontar os principais obstáculos enfrentados pelas mulheres bideras no que se refere à educação dos (as) seus (suas) filhos (as); c) Enumerar as contribuições das mulheres guineenses tanto na edificação social quanto na educação do(a)s filho(a)s no contexto de mulheres bideras de feira de Empantcha.

Este trabalho visa discutir as contribuições das mulheres guineenses na sociedade e na educação. O objetivo deste projeto é analisar a importância da figura materna na educação do(a)s filho(a)s, sobretudo das mulheres bideras de feira de Empantcha na capital Bissau.

A Guiné-Bissau é um país situado na costa Ocidental do continente africano, faz fronteira com dois países de expressão francesa, na zona Norte com o Senegal, na zona Leste e Sul com a República da Guiné-Conakry e no Oeste com o oceano Atlântico. A sua superfície total corresponde a 36.125 km². Em termos administrativos, o país é composto por três províncias: Norte, Leste e Sul, e oito regiões, a saber: Bafatá, Biombo, Bolama/Bijagós, Cacheu, Gabu, Oio, Quinara, Tombali e Sector autónomo de Bissau. A zona insular do Arquipélago de Bijagós, conhecido como Ilhas de Bucum como explica Leister (2012).

No contexto da Guiné-Bissau, “as mulheres são relegadas a um papel doméstico enquanto os homens são valorizados na esfera pública e política” (Fala di Mindjer, 2018, p. 16). Diante disso, cabe-nos perguntar: por que as mulheres são relegadas a um papel doméstico? A nosso ver, parece-nos que uma das causas é a prevalência da estrutura patriarcal na sociedade guineense, em que se dá mais privilégio ao gênero masculino do que ao feminino.

Nesse sentido, Moreira (2017, p. 7) sustenta que “falar de gênero implica necessariamente uma reflexão sobre a violência, mas sobretudo sobre o poder.” A sociedade guineense não está imune dessas questões uma vez que “as relações de gênero numa sociedade significam relações de poder, a violência consta muitas vezes como elemento agregador desse poder e isto afeta toda a estrutura social e política” infere Moreira (2017, p. 7).

Segundo Cassamá (2023), embora as mulheres componham o maior percentual da população total da Guiné-Bissau, tendo, também, contribuído no desenvolvimento socioeconômico, através da chamada economia informal, ainda assim, os analistas políticos e ativistas afirmam que são excluídas dos espaços decisórios, como na política ativa do país. Assim, podemos concluir que há necessidade de tornar visível os papéis que as mulheres têm desempenhado para erguer a sociedade guineense. Além disso, vê-se que a maternidade adquiriu um outro significado. A mãe passou não só a ter a função de zelar pela saúde física de

seu (sua) filho (a), mas também a de ser responsável pela educação dos(as) mesmos(as) (Badinter; 1985).

Historicamente, essa busca incessante pela emancipação das mulheres na Guiné-Bissau iniciou no processo de descolonização, quando as mulheres foram consideradas um exemplo de emancipação no contexto da luta armada na Guiné-Bissau e, por extensão, das lutas dirigidas tanto em Angola quanto em Moçambique. Essa iniciativa fez com que se criasse o Movimento de União das Mulheres da Guiné e Cabo-Verde (Gomes, 2004). Ademais, vale sublinhar que de acordo com Monteiro (2013, p. 201):

As mulheres bissau-guineenses foram coadjuvantes na engenharia da luta de libertação, além de constituírem suportes principais na manutenção das bases de luta, elas também participaram das guerrilhas e no teatro das operações de luta, através da criação de grupo de milícias femininas. Em outras palavras, as mulheres tornaram necessária a política de organização do PAIGC para o desenvolvimento da luta de libertação nacional.

Com efeito, tal fato permitiu o debate sobre a questão de gênero, que obriga a participação de forma ativa das mulheres nos espaços de tomada de decisão e, em especial, no parlamento guineense (Lei de Quota). Gomes (2016) expõe que, depois da independência, as mulheres foram excluídas dos espaços de tomada de decisão, sendo inferiorizadas e postas à margem da sociedade e relegadas aos espaços ditos inferiores e aos trabalhos informais em que têm desempenhado um papel crucial, sendo responsáveis tanto pela família quanto pela gestão da casa, além de educação do(a)s filho(a)s.

Portanto, faz-se necessário ressaltar que algumas crianças não se sentiam à vontade em admitir que são filho(a)s de bideiras devido à desvalorização desse trabalho. Porém, esse fenômeno está mudando, visto que, nos dias atuais, as pessoas estão a desconstruir essa ideia, valorizando as suas mães bideras, pois começaram a enxergar o potencial desse trabalho, percebendo que elas são gestores da economia e provedoras de serviços sociais, além de serem a base de nossa economia, são matrigestoras, visto que gestam a potência do seu povo. Em outras palavras, como demonstra o vídeo no canal Renato Farias, sobre tema Mulherismo Africana, são mulheres “que não necessariamente precisam gerir as vidas, mas potencializar a gestão de vidas”, transmitindo os valores (Ribeiro; Njeri, 2018).

Outro fato importante a frisar é que a presença do(a)s filho(a)s contribuem na menor ou maior qualidade de acesso ao mercado de trabalho que as mulheres ocupam de maneira expressiva. Tal fato revela que “a inserção das mulheres no mercado de trabalho é diferenciada

com relação à composição familiar, sendo significativamente afetada pela presença de filhos” (Guiginski; Wajnman, 2019, p. 3).

As mulheres constituem uma parte substancial em termos da força de trabalho em várias áreas, que é extensiva aos afazeres domésticos e cuidados com o(a)s filho(a)s. A despeito disso, Sanca (2014, p. 16) sustenta que:

A invisibilidade da contribuição das mulheres no setor econômico principalmente no setor informal e comércio urbano, assim como o nível doméstico, constitui em si constrangimento de ordem estrutural, pois não estão sendo reconhecidos nem as mulheres, nem sua invisibilização.

Ainda, a autora relata que a diversidade cultural que compõe os povos de diferentes regiões na Guiné-Bissau tem contribuído para a não ascensão das mulheres na Guiné- Bissau, pois a sua função central é de cultivar a terra, cuidar do(a)s filho(a)s e do lar e a feitura da colheita. As mulheres têm, assim, ocupado o mercado informal das mulheres na Guiné-Bissau, sendo alocadas economicamente em uma posição inferior (Sanca, 2014). A despeito disso, o governo guineense tem incentivado muito pouco a participação das mulheres na política, bem como no trabalho formal.

2 HIPÓTESES E PROBLEMA DE PESQUISA

Partimos da seguinte hipótese: a despeito da invisibilização do trabalho das mulheres guineenses, elas contribuem sobremaneira para a economia do país assim como para a educação dos filhos(as), sendo o pilar da transmissão cultural e de valores assim como o sustentáculo da vida social guineense. Dessa forma, buscar-se-á compreender as experiências e as perspectivas das bideras² de fera³ de Empantcha e sua contribuição na educação do(a)s filho(a)s.

Questões de pesquisa:

De que modo as bideiras de fera de Empantcha contribuem na construção da sociedade guineense e na formação do(a)s filho(a)s?

De que modo as bideiras de fera de Empantcha influenciam a economia local e contribuem para a transformação estrutural?

² As mulheres bideras são as que comercializam os produtos tanto nos mercados quanto nas feiras.

³ Fera – espaço onde o cliente trata em relação ao produto que pretende comprar de maneira direta com o seu feirante (literalmente feiras em português).

Quais são os principais desafios enfrentados pelas bideiras de fera de Empantcha na construção da sociedade e na formação do(a)s filho(a)s?

3 OBJETIVOS

3.1 GERAL

Compreender o papel das bideras de fera de Empantcha na construção da sociedade guineense e no processo da formação do(a)s filho(a)s.

3.2 ESPECÍFICOS

- ✓ Identificar os impactos das bideras de fera de Empantcha na construção dos espaços sociais e educativos;
- ✓ Apontar principais obstáculos enfrentados pelas bideras de fera de Empantcha no que se refere à construção social e ao ensino;
- ✓ Mapear as contribuições das bideras de fera de Empantcha tanto na edificação social quanto na educação do(a)s filho(a)s.

4 JUSTIFICATIVA

A escolha deste tema partiu de uma análise sobre o papel das mulheres bideiras de fera de empantcha. Percebe-se que ser mulher, em qualquer que seja a sociedade, não é uma tarefa fácil, principalmente quando se fala da África, especificamente na Guiné-Bissau.

Este trabalho se justifica pela intenção de compreender o papel das mulheres no processo de formação da sociedade guineense de modo a dar visibilidade ao trabalho dessas mulheres nas esferas econômica, cultural e social. Compreender e analisar a importância do trabalho das mulheres bideras é uma forma de somar à luta contra o sistema patriarcal que oprime e inferioriza as mulheres guineenses. Por outro lado, ele serve para somar e compor as literaturas científicas sobre o tema, revelando os fatores de fraca participação das mulheres na sociedade guineense.

Sabe-se que antes as mulheres não tinham direito de frequentar escolas, porque no passado não lhes deram essa oportunidade. Elas tinham os seguintes papéis: cuidar de casa, do

marido e dos filhos. Embora não tivessem acesso à escola, elas criavam os próprios negócios para ajudar o esposo no sustento da família e na educação do(a)s filho(a)s. Por exemplo, elas assumiram as despesas da educação do(a)s filho(a)s em uma escola privada, pois, muitas vezes, as sucessivas greves, nas escolas públicas, comprometem o aprendizado do(a)s mesmo(a)s.

Esse trabalho visa compreender o papel e o espaço reservados para as mulheres bideras de fera de Empantcha dentro da dinâmica social guineense e, ao mesmo tempo, busca entender os principais desafios enfrentados pelas bideras de fera de Empantcha na construção da sociedade e na formação do(a)s filho(a)s. Ademais, trata-se de uma reflexão com o intuito de analisar o papel das mulheres bideras de fera de Empantcha na sociedade e na educação do(a)s filho(a)s. Dessa forma, dividimos os tópicos em duas partes. Na primeira parte, falaremos sobre o papel das mulheres guineenses na sociedade; e na segunda parte, abordaremos o desenvolvimento e aprendizagens do(a)s filho(a)s.

5 REFERENCIAL TEÓRICO

A participação das mulheres nos espaços de tomada de decisão na Guiné-Bissau é bastante tímida, embora haja muitos coletivos que lutam pela ascensão das mulheres na sociedade guineense e contra o sistema patriarcal. Este último constitui culturas conservadoras no intuito de impossibilitar a participação ativa das mulheres, sobretudo na política.

A construção social e o processo educativo sempre ficam a cargo da mulher. Até onde se sabe, a sucessão de geração humana tal como a educação do(a)s filho(a)s dependem igualmente da união entre ambos os gêneros, mas os homens sempre foram privilegiados, em diferentes esferas da sociedade, por exemplo, o acesso aos lugares de tomada de decisões, em detrimento das mulheres. Sublinha-se que “a exclusão das mulheres da esfera econômica e/ou pública da política e da sociabilidade não é inerentemente humana ou africana.

Mesmo nos casos em que podemos falar de patrilinearidade, tal não sugere subordinação ou inferioridade feminina”, segundo Moreira (2017, p. 39).

O papel da mulher bidera no espaço social e educativo, embora invisibilizado pela estrutura patriarcal sob a qual ela é submetida, continua a ser pertinente para o desenvolvimento social e educativo, visto que ela é a peça chave em todas as estruturas sociais daquela sociedade. Além disso, as mulheres estão ganhando cada vez mais espaços na sociedade guineense, tendo um percentual significativo delas com formação superior.

Também Gomes enfatizou que apesar da estrutura patriarcal permanecer dentro do contexto guineense, as mulheres também não deixaram de ser protagonizar contra o sistema e contra a desigualdade social e política baseada no gênero. Uma das mais recentes conquistas dessa resistência é sobre a implementação da Lei de paridade (Lei de Quota), que foi implementada em Agosto de 2018, no mandato do Presidente da República, José Mário Vaz. Essa lei tem como obrigação a participação de 36% das mulheres no parlamento nacional. Em função disso, Gomes e Monteiro (2020, p. 151) sublinham que a “construção de igualdade e equidade representativa nos órgãos de decisão visa à maior democracia do poder político, na qual a agenda para igualdade constitui o elemento central da transformação desejada após a abertura democrática de 1994 no país.”

Essas mulheres hoje discutem a lei da paridade (Lei de Quota) no lugar de tomada de decisões políticas que envolvem o problema do país, embora a sua participação seja ainda pouco expressiva nos espaços de representações. Em suma, as mulheres estão ocupando, aos poucos, os cargos de chefia. No entanto, no contexto guineense, parece-nos que a igualdade entre gêneros (masculino e feminino) está por alcançar. Entre tantos fatores, no seio social guineense, nota-se o não reconhecimento das tarefas feitas pela mulher como de grande importância, quando comparadas com as do homem, isto é “ser mulher na Guiné-Bissau significa vida dura, porque a maioria das mulheres guineenses vive em situação de extrema pobreza e para sustentar a casa e garantir a educação dos filhos, elas são obrigadas a vender legumes, peixes e roupas nas ruas”. (UNIOGBIS, 2016, *s. p.*).

Donzelot (1986), no seu livro “Polícia das Famílias no Rio de Janeiro”, enfatizou a ausência da figura paterna dentro do seio familiar. A partir dessa visão,

Faz-se perceber que, na maioria das vezes, os homens acham que as mulheres são quem podem cuidar de casa da melhor forma. Por outro lado, essa ideia continua permanente dentro da sociedade. Nesse sentido, conforme Moreira (2017, p. 90):

se pensarmos que as explicações para a segregação de gênero das profissões poderá ter origem nos diferentes processos de socialização, logo compreendemos que as organizações possuem dinâmicas próprias que assentam muitas vezes na reprodução das assimetrias de gênero presentes na sociedade e que não se trata de questões individuais, mas de questões estruturais da reprodução e manutenção de desigualdades.

Com efeito, essas assimetrias, por sua vez, acabam por determinar e excluir as mulheres dos espaços do poder. Entretanto, conforme as postulações de Moreira (2017, p. 90):

O caminho da conquista feminina pelo espaço público guineense assentou, assim, na desmistificação da ideia de uma cidadania privada para as mulheres e de uma cidadania pública para os homens, que persiste como modelo (apesar de omissão no discurso político) de sociedade.

Por outro lado, pode-se constatar que, desde antes, as mulheres eram capazes e as mulheres participavam de forma direta e indireta em quase toda esfera social, onde destaca-se a Guerra de libertação nacional da Guiné-Bissau. Gomes (2020) ressaltou que as mulheres tiveram participação significativa no que diz respeito à guerra da libertação nacional, porém após a independência houve um certo afastamento dessas mulheres no cenário público, e nos lugares da tomada da decisão; os espaços decisórios e de participação das mulheres foram restringidos.

Se pensarmos para além do continente africano, a celebração do dia internacional das mulheres, o oito de março, que começa a partir do século XIX, marca o contexto de exploração vivido pelas mulheres, sobretudo no âmbito do trabalho, em que recebiam e ainda recebem salários muito baixos em comparação com os homens. Infelizmente, existe um contexto cultural e sócio-histórico que imputa às mulheres a responsabilidade pela criação dos filhos(a) e cuidado com o lar, para além do trabalho fora de casa, o que gera duplas e triplas jornadas de trabalho.

Para Crepal (2006), as representações sociais da maternidade têm como centro a mulher, mãe que luta dia e noite para cuidar do seu lar, sobretudo do(a)s filho(a)s. Não importa a presença do pai, pois o ideal social de maternidade consiste em que a mulher deve sacrificar a vida pelo bem da família. Carter e McGoldrick (1995) explicam que a mulher tem grande responsabilidade na vida doméstica, onde ela cuida do(a)s filho(a)s, mesmo não tendo emprego. Porém, ela luta sempre para construir um futuro melhor para o(a)s seus/seus filhos(a)s.

Vimos que essa dominação masculina ganhou várias dimensões; dentro de contexto Bissau-guineense, as mulheres são criadas para serem boas esposas, a sociedade criou estereótipos sobre a figura materna e para ser respeitada, uma mulher precisa ser casada e ter filhos. Vimos também que, muitas vezes, por causa desses conceitos, as mulheres ficam presas dentro de um relacionamento abusivo, por causa da opinião pública, do julgamento das pessoas e até dos seus familiares.

As discussões sobre gênero nas sociedades africanas pré-coloniais têm sido amplamente revisitadas por estudiosos e estudiosas que questionam a universalização das categorias ocidentais. Nesse contexto, “as formas em que a antiguidade como privilégio entrelaça atualmente gênero, marcador analítico criado para explicar privilégios dos homens em instituições que, pelo menos no contexto africano, no passado não revelam superioridade

masculina” (Oyèwùmí *apud* Akotirene, 2019, p. 81). Essa afirmação evidencia a inadequação de certas categorias ocidentais para compreender as dinâmicas sociais africanas antes da colonização, especialmente no que diz respeito às relações de gênero.

As mulheres dentro do grupo social no contexto guineense, como pessoas que lutam pelo bem comum com os homens, geralmente são silenciadas, ou seja, os seus papéis acabam sendo restringidos e elas não possuem lugar de fala. Em vários campos, nesse caso, pode-se notar que a mulher só tem que dizer sim, ela não tem voz para opinar. Nesse sentido, compreende-se que isso acontece em todas as etnias ou grupos dominados por homens.

Sublinha-se que Cheikh Anta Diop (2014) contribui com uma visão crítica ao resgatar o conceito de matriarcado africano. Segundo o autor, essas sociedades matriarcais não se baseavam na dominação de um sexo sobre o outro, mas em formas organizativas nas quais as mulheres exerciam um papel central na estrutura social, política e econômica. Essa perspectiva desafia diretamente as narrativas eurocêntricas, que tradicionalmente inviabilizam ou distorcem o protagonismo feminino nas sociedades africanas.

No entanto, é importante destacar que esse reconhecimento do papel das mulheres nas estruturas sociais africanas pré-coloniais nem sempre se reflete nas realidades atuais. A imposição de modelos coloniais e patriarcais, durante e após a colonização, contribuiu para a marginalização das mulheres africanas em diversas esferas da vida pública. Assim, revisitar esses saberes e experiências do passado torna-se essencial não apenas para a reconstrução histórica, mas também para a valorização das epistemologias africanas e afrocentradas no debate contemporâneo sobre gênero e poder.

Também, dentro da sociedade guineense, mesmo com o surgimento de vários movimentos, as mulheres continuam ausentes em várias áreas e em espaços de tomada de decisão. Nota-se que, apesar da implementação da lei de paridade, tal lei não está funcionando de forma plena, porque as mulheres ainda são vistas como inferiores intelectualmente. Na Guiné-Bissau, como em outros lugares do mundo, as mulheres passam por várias questões, tais como: maus tratos, abusos, assédios moral e sexual e são discriminadas.

Nesse sentido, constata-se que a questão da desigualdade de gênero na Guiné-Bissau é muito presente, porquanto as mulheres ocupam menos posições de liderança e os seus trabalhos são desvalorizados em comparação com os dos homens, embora tenham a mesma jornada de trabalho ou mais. Para uma mulher alcançar espaços de poder nesse país, ela passará por muitos obstáculos, por causa da assimetria de gênero, que coloca as mulheres em um lugar subalterno.

Segundo Badinter (1985), o amor materno é discutido em vários estudos que demonstram que ele está ligado à uma concepção cultural que prefere a presença da mulher no

seio da família. Tal preferência se sustenta, na perspectiva cultural hegemônica, quando esta afirma que ninguém tem mais capacidade para cuidar das crianças do que a própria mãe, pois ela possui todas características necessárias para cuidar do(a)s filho(a)s, dando-lhes o amor incondicional.

Em termos históricos, as mulheres sempre foram responsabilizadas pela educação do(a)s filho(a)s, desde alimentação, os aspectos de higiene e as fases iniciais do desenvolvimento das crianças (Goetz; Vieira, 2009). Em virtude disso, vale sublinhar que a função dos pais é socialmente distinta na educação do(a)s filho(a)s, porque as mães se envolvem mais na criação dele(a)s, visto que foram incentivadas para essa tarefa (Hooks, 2015). Além do mais, Deus, Zappe e Vieira (2022) reforçam que as mães gastam mais tempo em relação aos pais nos cuidados com as crianças, sobretudo na proteção, no suporte e conforto no âmbito emocional da criação.

Nesse sentido, Badinter (1985) revela que a expressão “amor materno” é um construto da modernidade que toma “o cuidado” como biologicamente feminino, baseada tanto na divisão capitalista como na divisão sexual do trabalho. A paternidade assim como a maternidade são categorias construídas pelo ocidente, pois na África tais categorias têm outros significados. Como descreve Oyèrónké Oyěwùmí (2016), as mulheres africanas exercem papel importante na construção da sociedade, o termo *Ìyá* é usado pela autora para se referir ao poder criador das mulheres na Nigéria.

Para Sobonfu Somé (2007), as mulheres mais velhas desempenham um papel fundamental nos cuidados das crianças. No que se refere aos tratamentos de alguns problemas enfrentados pelas mulheres, as mais velhas eram procuradas para ensinarem as novas, por exemplo, a saberem lidar com o corpo. Também eram tratadas com muito respeito na sociedade antiga, porque ajudavam bastante na educação das crianças.

Outrossim, as mulheres na sociedade guineense possuem capacidades em termos da produção, da transformação e da confecção dos alimentos e, concomitantemente, elas têm a maior taxa de abandono escolar nos dias atuais devido ao trabalho doméstico que ficam a seu cargo. Nah Dove (1998) explica que há milênios de anos as mulheres negras africanas já governavam vários reinos. Mas com tudo isso, elas não deixaram de ser protagonistas contra o sistema.

Segundo essa autora, ela mostra também que o mulherismo vai além de ser feminista na perspectiva ocidental, porque ela tem uma luta coletiva, quer dizer, que engloba as demais lutas contra a opressão racial e a luta de classes. Também pode-se compreender que existem várias mulheres como referência na sociedade guineense. Neste caso, a título de exemplo, Canh Na

N'tungue, Brinsam Na N'tchare, Teodora Inácia Gomes, dentre outras. Estas mulheres desempenharam um papel crucial na luta contra o jugo colonial, embora não fossem valorizadas após a independência.

Portanto, as mulheres não são só cuidadoras do lar, elas carregam também a responsabilidade de casa juntamente com o homem, na maioria das vezes, mas também possuem um papel fundamental na construção das identidades culturais no que concerne ao processo pedagógico do(a)s filho(a)s. Contudo, “o trabalho de cuidar da casa e dos filhos não deveria ter gênero (...)” (Adichie, 2017, p. 9). Nesses termos, a autora ainda ressalta que “os estereótipos de gênero são tão profundamente incutidos em nós que é comum os seguirmos mesmo quando vão contra nossos verdadeiros desejos, nossas necessidades, nossa felicidade” (Adichie, 2017, p. 12).

Enfim, não se pode falar da mulher sem falar do homem, pois são seres inseparáveis, mas muitas vezes o homem acaba por restringir a sua presença dentro da família. Por isso, é imperativo que haja por parte do governo um incentivo de maneira expressiva no sentido de incorporar as mulheres guineenses no mercado formal, bem como despertar o interesse delas na participação da política ativa, criando políticas públicas como forma de despertar a consciência cívica.

De acordo com Lopes, ela evidencia que, mesmo com a implementação da lei de paridade (LEI de QUOTA), a insolação das mulheres na política é um caso que ainda prevalece em quase todos países do mundo, como a Inglaterra, França, Senegal, Guiné Bissau. Ela também mostrou que a política partidária é ligada aos homens. A autora também enfatiza que desde o ano 1994, na abertura para a democracia na Guiné Bissau, até os dias atuais, houve uma só candidatura de mulheres ao cargo da presidência da República, Antonieta Rosa Gomes candidatou-se. O que mostra que dentro dos partidos políticos, as mulheres não ocupam grandes cargos. Ela mostrou que, no que diz respeito à política nacional, as mulheres tiveram pouco destaque (Lopes, 2023).

Lopes (2023) salientou que dentro do ordenamento jurídico e político, dos estudos democráticos da Guiné Bissau, o foco central das lutas feministas é promover e garantir os direitos das mulheres. Do ponto de vista prático e teórico da agenda das lutas femininas, ela enfatizou que o problema central é a exclusão das mulheres no cenário das tomadas de decisões políticas.

Ressalta-se também que as mulheres são as que mais sofrem dentro da estrutura familiar com a questão da opressão, violência física por parte do marido. Até hoje em dia as mulheres ainda passam por questões de extrema vulnerabilidade no momento do parto, muitas morrem

no momento de dar à luz. Após o parto, as mulheres passam por várias doenças como depressão, cansaço, perda da autoestima, entre outros. Ávila (2024) expõe que o sistema capitalista incentivou muito o sistema patriarcal ao explorar a divisão sexual do trabalho, onde o sistema patriarcal é utilizado para expropriar valor e para a desvalorização das atividades realizadas pelas mulheres.

Federici (2017) destaca que as mulheres foram as principais afetadas pela expropriação de terras, uma vez que, em determinados períodos históricos, muitas eram classificadas como nômades. Dessa forma, o sistema patriarcal contribuiu para o enfraquecimento e a limitação de suas liberdades. Nesse contexto, o patriarcado, estruturado por europeus, favorecia os homens em detrimento das mulheres — e, nos contextos coloniais, beneficia especialmente as mulheres brancas em relação às mulheres negras. Assim, fica evidente que ser mulher sempre implicou enfrentar múltiplas formas de silenciamento e opressão, muitas das quais persistem até os dias atuais.

Para Sangato (2015), um mundo mais justo só será possível quando nossos discursos e as nossas ações se tornarem verdadeiramente igualitárias. A autora caracteriza o sistema patriarcal como de alta intensidade, no qual as questões relacionadas às mulheres são tratadas como assuntos privados e de pouca relevância social.⁴

De acordo com Mendoza (2010), a questão das mulheres foi reinventada a partir dos padrões discriminatórios europeus de gênero e raça, aí podemos entender que essa ideia, ou a concepção de gênero e de raça, é criada pela sociedade. Simone de Beauvoir (1960) nos faz entender que ninguém nasce mulher, mas nos tornamos mulheres ou homens. Assim, a questão de gênero não é biológica e independe dos órgãos genitais. Essa questão da desigualdade de gênero começou desde os tempos retrógrados e persiste até hoje em dia.

Também podemos entender que o feminismo nasce para acabar com a opressão sexista, não se trata de privilegiar nenhuma classe. A questão muito

O importante que ainda se vê é as fortes rivalidades entre as próprias mulheres, onde ninguém apoia ninguém. Percebe-se que, na Guiné-Bissau, as pessoas fazem ironia com o termo “empoderada”, porque elas acham que esse termo é sobre vestir bem e cheirar bem, mas essas questões não, necessariamente, têm relação com o empoderamento feminino. Sublinha-se que

⁴ Nesse projeto, recorri a categoria de gênero. Compreendo, no entanto, que tal categoria foi constituída no ocidente moderno. Nesse sentido, enquanto pesquisadora, reconheço a necessidade de fazer a devida tradução antropológica do conceito caso venha mobilizá-lo, futuramente, na realização desta pesquisa. Para conceito não apague as singularidades culturais do contexto guineense.

o termo empoderamento refere-se a um processo cognitivo com relação à liberdade e ao posicionamento ante as desigualdades de oportunidades, de direitos iguais e de equidade social.

Na sociedade guineense, a inferiorização das mulheres pode ser atribuída a diversos fatores, como a interpretação cultural dos aspectos biológicos, tradições culturais, concepções religiosas, o sistema patriarcal e a herança da colonização — elementos que ainda persistem no contexto atual. Apesar dos obstáculos criados na tentativa de inibir a ascensão das mulheres na Guiné-Bissau, estas criam estratégias, se engajando politicamente e lutando a fim de ocupar os espaços que lhes negaram ao longo do tempo.

Ademais, elas combatem e constroem permanentemente uma Guiné- Bissau que preza pela equidade de gênero. Mesmo assim, surge a necessidade de não ficarmos indiferentes sobre o caso de violência baseada no gênero na Guiné-Bissau. As mulheres devem ocupar os seus próprios lugares e Lei de Quota deve ser respeitada e cumprida, visto que a equidade é importante para a saúde da sociedade guineense. Para superar as desigualdades sociais, é essencial promover a conscientização por meio de diversas estratégias educativas e sociais e dar visibilidade ao trabalho social, econômico e cultural como o das bideras da fera de Empantcha.

6 METODOLOGIA

Em se tratando do ser humano, optou-se pela abordagem qualitativa. Por esta razão, entende-se o processo de examinar, contextualmente, os aspectos comportamentais humanos, possibilitando, assim, gerar dados a partir das suas narrativas e experiência de vida (Dal-Farra; Lopes, 2013). Como procedimento metodológico, em primeiro lugar, escolheu-se a pesquisa bibliográfica. Esta pesquisa, por seu turno, é desenvolvida a partir das produções científicas, como, por exemplo, livros, artigos, etc. (Gil, 2010). Inicialmente, através de plataformas de pesquisa como o Scielo, a Capes e o Google acadêmico, faremos levantamento das bibliografias concernentes aos papéis da mulher guineense no seio social, e consequentemente, na instrução do(a)s filho(a)s.

Por outro lado, para a realização deste trabalho, iremos utilizar a metodologia de pesquisa de natureza etnográfica, a fim de descrever as contribuições das bideiras de fera de Empantcha na construção da sociedade e na formação do(a)s filho(a)s. A metodologia etnográfica objetiva descrever as características de uma determinada sociedade em suas múltiplas manifestações, detalhando seus desdobramentos e seus significados.

Trabalharemos também com a técnica da entrevista. Esta “[...] não é simplesmente um trabalho de coleta de dados, mas sempre uma ‘situação de interação’ na qual as informações dadas pelos sujeitos podem ser profundamente afetadas pela natureza de suas relações com o entrevistador” (Minayo, 2004, p. 114). Por isso, é fundamental, na condução da entrevista, o sentido ético no que tange à questão de sensibilidade e de responsabilidade para com as pessoas que serão entrevistadas “[...] desde questões mais simples, como disponibilidade de tempo e ambiente propício, até questões mais complexas como habilidade profissional e pessoal [...]” devem ser levadas em conta, segundo Sionek (2020, p. 14).

Para isso, faz-se necessário ressaltar a importância da interação entre entrevistadora e entrevistada(o) não só em termos éticos, como também nos aspectos para viabilizar a pesquisa no que concerne à postura assumida na ocasião da entrevista. Dessa maneira, a entrevista deve transcorrer por meio de acolhimento, do cuidado e de atenção em relação às pessoas entrevistadas, além de disponibilidade, visto que o direcionamento inadequado pode não possibilitar a execução da pesquisa, bem como causar situação de desconforto para as pessoas entrevistadas (Sionek, 2020).

O desenvolvimento desta pesquisa, se dará no âmbito do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês (IHLM), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. O lócus desta pesquisa é o território da Guiné-Bissau, um dos países da África Ocidental. Nesse país, serão pesquisadas as contribuições das badeiras de fera de Empantcha na construção da sociedade e na formação do(a)s filho(a)s.

As interlocutoras desta pesquisa serão badeiras de fera de Empantcha e analisar-se-á, por meio dos dados empíricos coletados, a contribuição dessas mulheres para a sociedade e na educação do(a)s filho(a)s, levando em conta às suas experiências nas atividades econômicas, sociais, culturais e familiares.

Com a finalidade de aprofundar no campo de pesquisa e entender, de modo mais aprofundado, a proponente visitará, in loco, na Guiné-Bissau, os sujeitos desta pesquisa, usando um diário de campo para registrar e coleta de informações sobre as badeiras de fera de Empantcha na construção da sociedade e na formação do(a)s filho(a)s.

Por meio destas participações, irá registrar, minuciosamente, em diário de campo as atividades econômicas e domésticas, buscando analisar as técnicas de coleta de dados, levando em conta os cuidados no ato de conduzir as entrevistas a fim de não constranger as entrevistadas, visto que, conforme Sionek (2020, p. 6):

Uma entrevista realizada sem o devido cuidado ético, sem sólida fundamentação teórico-filosófica, bem como a falta de habilidade do entrevistador, pode não somente enfraquecer a pesquisa e induzir resultados, como oferecer riscos e causar danos à pessoa entrevistada.

Em suma, não se pode negar os possíveis riscos de comprometer a entrevista, razão pela qual se deve tomar os devidos cuidados éticos com as questões que podem ser desagradáveis ou que podem constranger o(a)entrevistado(a)s.

A fim de conduzir a entrevista, a proponente deverá, antes de mais, fazer com que as pessoas que serão entrevistadas tenham confiança nela, com o intuito da entrevista ser conduzida de maneira mais tranquila possível, mobilizando os afetos, dando abertura às experiências vividas pelas pessoas entrevistadas, de modo a “[...] garantir tanto a viabilidade do estudo quanto uma condução ética e atenta aos riscos, bem como uma análise criteriosa e respeitosa”, para Sionek (2020, p. 7).

Assim, explicar os objetivos, como será registrada, como os dados serão partilhados e com qual finalidade, é fundamental. As entrevistas serão agendadas conforme a disponibilidade de cada participante e serão registradas em aparelhos gravadores, com a autorização do(a)s participantes da pesquisa. Em seguida, serão transcritas de maneira cuidadosa, compreendendo os papéis específicos das bideras de fera de Empantcha, e seu desempenho na formação de valores e na influência que exercem sobre o(a)s seus(suas) filho(a)s, a fim de responder a questão central desta pesquisa.

A pesquisa e, mais especificamente, as entrevistas se tornam “[...] um espaço singular para a expressão de sentidos e para a construção de reflexões, ou mesmo para o simples compartilhar” (Sionek, 2020, p. 8). A entrevista constitui significados e sentidos outros que são tecidos na ocasião, cuja abertura traz o “[...] desvelamento de significações” até então veladas, como reforça Sionek (2020, p. 12).

Portanto, a pesquisa proporcionará um conhecimento sobre a problemática no seu campo epistemológico, considerando seu planejamento, que busca levar em conta as diferentes questões referentes às práticas das atividades das bideras de fera de Empantcha e sua contribuição na sociedade guineense e na formação do(a)s filho(a)s, de modo que construam sentidos para a temática mobilizada e significados em relação às experiências das pessoas entrevistadas.

7 CRONOGRAMA

Etapas	2025		2026		2027
Anos / Semestres		2ºSemestre	1ºSemestre	2ºSemestre	1ºSemestre
Levantamentos bibliográficos		X			
Encontro com orientadora		X	X	X	X
Revisão do projeto			X		
Novo levantamento bibliográfico		X	X	X	
Construção de referencial Teórico		X	X	X	
Análise do material coletado e transcrição				X	
Escrita do projeto			X	X	
Correção e reajuste final					X
Defesa de TCC				X	X

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas**: um manifesto. Editora Companhia das Letras, 2017.
- BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: O mito do amor materno. RJ, Nova Fronteira, 1985.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960. (Título original: *Le deuxième sexe*, 1949).
- CASSAMÁ, Iassana. Mulheres na Guiné-Bissau: Um sonho de Amílcar Cabral ainda por realizar. *Voaportugues.com*, 2023. Disponível em: <https://www.voaportugues.com/a/mulheres-na-guin%C3%A9-bissau-um-sonho-de-am%C3%ADlcar-cabral-ainda-por-realizar/7280201.html>. Acesso em: 8 dez. 2023.
- CARNEIRO, Rosamaria. Cansaço e violência social: sobre o atual cotidiano materno. **cadernos pagu**, n. 63, 2021.
- DAL-FARRA, Rossano André; LOPES, Paulo Tadeu Campos. Métodos mistos de pesquisa em educação: pressupostos teóricos. **Rev. Nuances**: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 24, n. 3, p. 67-80, set./dez. 2013.
- DE MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães. A abordagem etnográfica na investigação científica. In: DE MATTOS, CLG; CASTRO, PA, orgs. **Etnografia e educação**: conceitos e usos [online]. Campina Grande: EDUEPB, p. 49-83, 2011.
- DOVE, Nah. Mulherismo Africana: uma teoria afrocêntrica. **Jornal de estudos negros**, v. 28, n. 5, p. 1-26, 1998.
- DONZELOT, J. **Polícia das Famílias** Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- DIOP, Cheikh Anta. **A unidade cultural da África negra: esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica**. Edições Pedagogo, 2014.
- FALA DI MINDJER, As vozes das mulheres. **Além da pressão social e das barreiras institucionais**: o papel das mulheres nas esferas de tomada de decisão na Guiné-Bissau. Interpeace, Março de 2018. 93 p.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.
- GODINHO GOMES, Patrícia. Guinea Bissau e Isole di Cabo Verde: partecipazione femminile alla lotta politica. Bianca Maria Carcangiu (Org.), **Donne e Potere nel continente africano**, Torino, l'Harmattan Italia, 2004, (192-244).
- GOETZ, E. R. & VIEIRA, M. L. **Pai real, pai ideal**. O papel paterno no desenvolvimento infantil. Curitiba: Juruá, 2009. 104 p.

GOMES, Peti Mama; MONTEIRO, Artemisa Odila Candé. Os desafios da Lei de Paridade na sua dimensão social e política: o caso das mulheres na Guiné- Bissau. **Cadernos de África contemporânea**, v. 3, n. 6, p. 146-156, 2020.

GUIGINSKI, Janaína; WAJNMAN, Simone. A penalidade pela maternidade: participação e qualidade da inserção no mercado de trabalho das mulheres com filhos. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 36, p. e0090, 2019.

LEISTER, Fátima Cristina. **Um prefácio a povos da Guiné-Bissau**: o Boletim Cultural da Guiné Portuguesa (1946-1973). 2012.

MELO, Hildete Pereira de; MORANDI, Lucilene. Mensurar o trabalho não pago no Brasil: uma proposta metodológica. **Economia e Sociedade**, v. 30, p. 187-210, 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. In: **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo, SP: Hucitec, 2004.

MOREIRA, Joacine Katar. **A Cultura di Matchundadi na Guiné-Bissau: Gênero, Violências e Instabilidade Política**. 2018. Tese de Doutorado. ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa (Portugal).

NA GUINÉ-BISSAU—UNIOGBIS. Na Guiné-Bissau as mulheres é que garantem o sustento da família. Bissau, 2016. Disponível em: <https://uniogbis.unmissions.org/pt/na-guin%C3%A9-bissau-mulheres-%C3%A9-que-garantem-o-sustento-da-fam%C3%ADlia>. Acesso em: 8 dez. 2023.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **Matrpotency**: Ìyá in philosophical concepts and sociopolitical institutions. What Gender is Motherhood? Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2016, capítulo 3, p. 57-92, por wanderson Flor do Nascimento.

RENATO, Farias (Prod.). Mulherismo Africana. [S. l.]: Canal Renato Farias, 2 set. 2018. 1 vídeo (25 min. 59 s). Exibição: Programa Ciência e Letras. Participação de: Katiuscia Ribeiro, Aza Njeri. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wFKi_GrZXak. Acesso em: 8 dez. 2023.

SANCA, Ilda. **A inserção das mulheres no mercado de trabalho na Guiné-Bissau**. 2014.

SIONEK, Luiza; ASSIS, Dafne Thaissa Mineguel; FREITAS, Joanneliese de Lucas. “Se eu soubesse, não teria vindo”: implicações e desafios da entrevista qualitativa. **Psicologia em estudo**, v. 25, p. e 44987, 2020.

SOMÉ, Sobonfu. **O espírito da intimidade**: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar. São Paulo: Odysseus, 2007.